



“Casa de Tete” e o cuidado comunitário: Experiência de uma pedagoga no Bairro Betânia em Belo Horizonte – MG.

"Tete's House" and community care: the experience of a pedagogue in the
Betânia Neighborhood in Belo Horizonte – MG.

La "casa de Tete" y el cuidado comunitario: la experiencia de una educadora
en el barrio Betânia de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

*Lusiene Araújo da Conceição*¹
*Silvana Maria Bitencourt*²

RESUMO

Este estudo visa discutir a emergência do trabalho de cuidado comunitário em uma região periférica de Belo Horizonte (BH), Minas Gerais (MG), situado na região oeste, considerando as alterações na estrutura familiar, a massiva entrada das mulheres no mercado de trabalho e a multiplicidade de papéis exercidos por elas dentro e fora de casa.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado Comunitário. Cuidadoras. Práticas de Cuidado.

ABSTRACT

This study aims to discuss the emergence of community care work in a peripheral region of Belo Horizonte (BH), Minas Gerais (MG), located in the western region. It considers changes in family structure, the massive entry of women into the labor market, and the multiplicity of roles they play inside and outside the home.

KEYWORDS: Community Care. Caregivers. Care Practices.

RESUMEN

Este estudio analiza el surgimiento del trabajo de cuidados comunitarios en una región periférica de Belo Horizonte (BH), Minas Gerais (MG), ubicada en la región occidental. Se consideran los cambios en la estructura familiar, la incorporación masiva de las mujeres al mercado laboral y la multiplicidad de roles que desempeñan dentro y fuera del hogar.

PALABRAS CLAVE: Atención Comunitaria. Cuidadores. Prácticas de Atención.

* * *

¹ Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, bolsista CAPES, doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: lubyth@gmail.com.

² Professora Associada IV do Departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Pós-doutorado em Ciências Sociais (Universidade de Buenos Aires), Doutora em Sociologia Política (UFSC), coordenadora do grupo de Pesquisa: Saúde do Corpo, Gênero e Gerações (CNPq). Email: silvanasociupfnt@gmail.com

Introdução

O presente estudo tem como objetivo discutir a emergência do trabalho de cuidado comunitário em uma região periférica de Belo Horizonte (MG), considerando que este tipo de trabalho foi desenvolvido por mulheres racializadas e pobres, sendo esta prática passada de geração a geração. Este trabalho é geralmente realizado no âmbito das famílias compostas por mulheres, muitas delas solteiras, sem filhos e sem trabalho remunerado, que dispõe de tempo e muitas vezes usam seus próprios lares para cuidarem de crianças ou idosos. A decisão por este tipo de trabalho pode ocorrer devido às oportunidades escassas no mercado de trabalho.

Cuidar na emergência do capitalismo contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento deste sistema, analisando que a reprodução da força de trabalho realizada por mulheres foi estabelecida gratuitamente, sem remuneração e invisível (Federici, 2019). Uma vez que, no capitalismo contemporâneo, torna-se praticamente impossível que uma mulher não trabalhe e conte com um provedor para arcar com as despesas, muitas delas não apenas contribuem com a renda familiar, mas são, muitas vezes, a única fonte de sustento do lar.

Para o presente trabalho, o cenário analisado trata-se de uma casa conhecida no bairro Betânia, em Belo Horizonte, como a “Casa da Tete”, que oferece uma forma de cuidado comunitário prestado para crianças de seis meses a nove anos. Esta casa tem como fundadora uma mulher solteira, pedagoga, de 39 anos, parda e sem filhos, que decidiu, com as mulheres de sua família, abrir este negócio usando a sua própria casa como espaço de acolhimento.

Destaca-se que o cuidado ali exercido se baseia em relações construídas com a vizinhança, caracterizando uma ideia de comunidade que compartilha valores e bens de consumo. Além disso, as famílias demonstram confiança e segurança no trabalho oferecido pela “Casa da Tete”.

A aproximação de Tete com a área de educação iniciou-se em 2008, quando ainda não era formada e recebeu uma oportunidade de uma amiga que tinha uma escola para lecionar. Na época, Tete cita que não passava pela cabeça trabalhar com crianças e na área de educação, mas o fazia porque precisava suprir suas necessidades básicas.

Todo esse cenário começou a mudar com a pandemia de covid-19 e as medidas protetivas de saúde estabelecidas, como o fechamento de muitos locais públicos, dentre eles, a escola. Tete, que estava no último ano do curso de Pedagogia, ficou preocupada, pois onde iria trabalhar com o fechamento das escolas? E foi a partir de uma conversa com uma mãe desesperada que teria que trabalhar em *home office* que Tete pensou na possibilidade de abrir um espaço para cuidar de crianças.

Considerando o espaço da “Casa de Tete”, a partir de sua experiência como cuidadora de crianças, este trabalho pretende conhecer as práticas cotidianas de cuidados realizadas pelas cuidadoras comunitárias do bairro Betânia, situado na região oeste de Belo Horizonte. Os objetivos específicos visam entender quais os sentidos do cuidado com as crianças; identificar as práticas de autocuidado realizadas pela cuidadora, e verificar a compreensão do cuidado comunitário por estas mulheres. Esta pesquisa, portanto, parte da seguinte questão: de que maneira é executado o trabalho de cuidado comunitário na “Casa de Tete”?

O bairro Betânia, onde fica localizado a “Casa de Tete”, é periférico, mas com muitos sinais de desenvolvimento urbano e social, como comércio, posto de saúde, escolas e creches (que não são integrais, o que contribui para os pais e mães trabalhadores/as ou/e estudantes acionarem a “Casa de Tete” para cuidar de seus filhos em horário comercial), bancos, supermercados e ruas pavimentadas.

Fundado na década de 1940, o bairro tem passado por diversas transformações, especialmente relacionadas à expansão urbana, o que tem atraído famílias oriundas de outros estados brasileiros. Muitas dessas famílias migraram em busca de melhores condições de trabalho, estudo e

oportunidades para seus filhos, uma vez que Belo Horizonte, por ser a capital de um estado da região Sudeste, é vista como um dos centros do desenvolvimento econômico do país.

O bairro Betânia abriga pessoas de diferentes classes sociais e raças/cores, com uma concentração de famílias de classe média em determinadas áreas e, em outras, de grupos em situação de maior vulnerabilidade. Ademais, a comunidade tem se articulado por meio de diálogos e debates voltados para o atendimento das necessidades dos moradores, relacionadas à saúde, educação, transporte, infraestrutura, economia, entre outros aspectos.

A mobilização comunitária também se estende ao cuidado com as crianças, sendo a “Casa da Tete”, objeto de estudo desta pesquisa, que é um meio de socialização e cuidado de crianças.

Nesse sentido, estudar a dimensão social do trabalho de cuidado comunitário reflete as relações que moldam a vida em sociedade. Além disso, justifica-se seu estudo devido ao crescente reconhecimento de que o cuidado não deve ser visto como uma tarefa isolada ou exclusivamente feminina, mas como uma responsabilidade coletiva que envolve todos os membros da comunidade. Como podemos salientar, a partir da visão de Tronto (2007), que fala da dimensão macro e micro do cuidado, elegendo esta categoria como relacional, ou seja, nas análises sobre cuidado estas devem englobar o cuidar do outro, de si e do ambiente.

Portanto, o cuidado é uma categoria que necessita ser discutida e planejada, pois a manutenção da sociedade depende dessa responsabilidade de todos/as no cuidar. É fato que, nos últimos anos, o cuidado nas famílias se falou significativamente da importância da coparticipação do Estado e dos homens, a fim de não sobrecarregar as mulheres, percebendo que elas são as principais responsáveis por este tipo de trabalho, que foi historicamente essencializado como trabalho feminino, logo, de mulher, sendo camuflado pelo capitalismo como feito por amor (Federici, 2019).

Assim, a compreensão é mais ampla quando se vê o trabalho de cuidado como um elemento central para o fortalecimento das relações sociais e construção de redes de apoio que incidem sobre a solidão e a sobrecarga enfrentadas por muitas mulheres. Além disso, o cuidado comunitário promove a inclusão social e o empoderamento de mulheres, visando valorizar as experiências e saberes locais, permitindo que as comunidades se organizem para atender às suas próprias necessidades.

A partir dessa perspectiva, o texto foi dividido em cinco partes, a saber: introdução; caminho metodológico; definição de cuidado comunitário; práticas e desafios cotidianos no cuidado comunitário da região oeste de Belo Horizonte, e considerações finais.

Caminho metodológico

Esta pesquisa é qualitativa, com o emprego de entrevista semiestruturada para entender como a cuidadora executa o trabalho de cuidado comunitário. Este caminho é necessário para a compreensão dos mundos da vida da entrevistada e do grupo social. A finalidade da investigação qualitativa não é contar opiniões, mas explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto (Gaskell, 2021). Desse modo, buscamos os significados atribuídos à experiência humana mediante a proposta de entrevista qualitativa em profundidade, também conhecida como semiestruturada. A fonte de diálogo, neste tipo de entrevista, constitui um espaço relacional em que há o protagonismo da participante, com a expressão livre de opiniões, vivências e emoções que constituem suas experiências de vida (Moré, 2015).

Conforme Minayo (2009), a entrevista semiestruturada facilita a abordagem e assegura que os pressupostos serão descobertos ao longo da entrevista, com um roteiro previamente organizado, todavia, combina perguntas fechadas e abertas para que haja possibilidades maiores de discutir sobre o tema em questão.

Para este estudo, a entrevista foi *on-line*, via *Google Meet*, agendada com a cuidadora fundadora da “Casa de Tete”, no dia e horário mais adequados a sua condição. Esta negociação precisou de nós, pesquisadoras, uma adequação ao horário e melhor dia para Tete, entendendo que ela trabalha de segunda a sexta-feira, das 5h30 às 20h, cuidando, no total, de 25 crianças de várias idades e com comportamentos diversos, além de crianças com o espectro autista suporte de nível 1 e 2.

A decisão em entrevistá-la foi por ela ser a principal responsável pela criação deste tipo de trabalho de cuidado no bairro e sua casa ser conhecida e referência na região por este cuidado. Seu trabalho tem sido divulgado pela vizinhança nas conversas entre as pessoas. Segundo Tete, não há necessidade de divulgação em outros meios de comunicação, como cartazes ou panfletagens, ou mesmo nas mídias sociais, como o *Facebook* e *Instagram*. A entrevistada diz que o resultado de seu trabalho prestado à comunidade nos últimos anos garante a procura de sua casa pelas famílias das crianças..

A entrevista foi realizada em um feriado, o tempo da entrevista foi 60 min, com um roteiro de 15 questões abertas. A conversa foi gravada por áudio do celular de uma das pesquisadoras e a escolha por este tipo de entrevista foi devido a uma das pesquisadoras residir fora de Belo Horizonte.

Para os procedimentos de codificação ou análise dos dados, foram apuradas as informações pertinentes ao desenvolvimento da análise; a transcrição da entrevista; a releitura minuciosa do material; a percepção das impressões do campo, e a classificação dos dados que serão importantes para a construção da interpretação. No item que se segue, falaremos sobre a definição de cuidado comunitário.

Definição de cuidado comunitário

As atividades de cuidado viabilizam condutas e um desenvolvimento psíquico benéfico para a sociedade, dando uma sensação de responsabilidade e ajuda mútua (Brugère, 2023). Efetivamente, nenhum ser humano vive de

forma independente, o que evidencia a vulnerabilidade e a interdependência entre as pessoas em diferentes momentos de suas vidas. “A necessidade do cuidado pode ser pensada como parte do cotidiano das pessoas” (Biroli, 2018, p. 53). Nesse contexto, o trabalho de cuidado comunitário emerge como uma resposta coletiva às vulnerabilidades, permitindo que os indivíduos se apoiem mutuamente.

As formas de cuidado variam conforme as vulnerabilidades vivenciadas ao longo da vida, abrangendo aspectos sociais, físicos e psicológicos. Além disso, o cuidado pode assumir significados diversos e ser organizado de diferentes maneiras nas estruturas que compõem a vida em sociedade.

O cuidado tem sido historicamente assumido pelas famílias, com foco na reprodução social, feita pelas mulheres a partir da divisão sexual do trabalho, assunto tratado como privado e na dinâmica da informalidade. Logo, o cuidado pode ser entendido como uma prática que envolve afetos, emoções e responsabilidade com o outro. De acordo com Molinier (2004), o conceito de *care* engloba uma variedade de estados físicos ou mentais, bem como atividades trabalhosas ligadas aos cuidados com as pessoas, ou seja, qualquer trabalho realizado a serviço das necessidades dos outros.

Angelo Soares (2012) compreende que, para o exercício do trabalho de cuidado, é necessário saber quem é a pessoa que será cuidada, já que cuidar de criança, de uma pessoa idosa, ou de pessoa com deficiência é tarefa estritamente diferente e exige dinâmicas adequadas a cada realidade. Na visão do autor, quem cuida vivencia dimensões variadas. Assim, neste tópico em específico, que se refere ao/à cuidador/a, serão vistas três das cinco dimensões por ele designadas, a saber: a dimensão física; a cognitiva, e a sexual, pois infringem diretamente na pessoa que oferta o cuidado.

Quanto à *dimensão física*, o autor reitera o emprego da força corporal em atos como deslocar, segurar e sustentar a quem está sendo cuidado. Acerca da *dimensão cognitiva*, Angelo afirma que é necessário conhecer, por exemplo, a administração de medicações e seus horários, e podemos incluir nesse rol a inserção da alimentação e o preparo correto de acordo com cada especificidade

exigida a quem se é cuidado/a. E, sobre a *dimensão sexual*, o estudioso relata que, em certos momentos, haverá necessidade de exercer certas atividades, como limpar excrementos, dar banhos, colocar sondas e realizar higiene nas partes íntimas.

É relevante esclarecer que o/a cuidador/a precisa estar apto/a para o exercício desta função, uma vez que, necessariamente, estas dimensões incidem sobre corpos saudáveis, com conhecimento intelectual e mental para compreender e interpretar determinados assuntos que se referem a quem é cuidado/a. Além disso, o cuidador/a não deve se sentir desconfortável ao higienizar o corpo, ou parte do corpo que necessita da limpeza.

Ademais, “o cuidado é objeto de uma divisão social de acordo com o gênero, a raça e a classe” (Brugère, 2023, p. 81) e, por isso, costuma recair majoritariamente sobre algumas mulheres. Assim, pode-se relacioná-lo a marcadores sociais que incidem diretamente na lógica do ato de cuidar. Por se tratar de um trabalho historicamente marginalizado e desvalorizado, o cuidado mantém estreita relação com grupos pertencentes a minorias étnicas e raciais (Hirata, 2022).

Este trabalho reprodutivo é invisível quando é feito, porque não tem valor mercantil no âmbito doméstico e, quando mercantilizado, ele é desprestigiado e desvalorizado. Dessa maneira, quem cuida pode sofrer o risco do empregador não reconhecer os direitos trabalhistas, perdendo o cuidador, a proteção e a seguridade social, ocasionando o adoecimento de muitos em uma sociedade capitalista neoliberal, onde o sucesso depende do indivíduo, logo, tem que ter criatividade para manejar as ações. E, em uma lógica heteropatriarcal, o trabalho de cuidado contribui para a manutenção do sistema capitalista, explorando e objetificando corpos femininos, principalmente de mulheres racializadas que, no contexto social brasileiro, foram invisibilizadas (Federici, 2019).

A invisibilidade de mulheres não brancas e pobres foi viável para o capitalismo, pois elas foram silenciadas dentro da história do desenvolvimento do cuidado comunitário, como problematizou Patricia Hill

Collins (2019) e bell hooks (2019). Para as autoras, comparando essas mulheres periféricas com as mulheres de classes médias, as primeiras não tiveram o direito de terem família e vivenciarem a maternidade junto a seus filhos, pois elas estavam cuidando dos filhos das mulheres brancas (Autoras, 2024).

A justificativa para tal desvalorização do trabalho de cuidado decorre da própria natureza da atividade, ou seja, essencialmente feminino e vinculado a um aspecto dócil e maternal das mulheres (Soares, 2012). Desse modo, a crítica feminista entendia a experiência da maternidade “como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças” (Scavone, 2001, p. 139), designando sua ausência no espaço público e o confinamento no espaço privado, sendo elas mais propícias à submissão e dominação masculina. Contudo, ressaltamos que as mulheres pobres e negras sempre precisaram trabalhar fora de casa, sendo este modelo de família nuclear muito mais adequado às mulheres de classes médias que conseguiam cuidar da casa e dos filhos por contar com o auxílio financeiro de um provedor.

Para Rosamaria Carneiro (2021), a execução das demandas tratadas como essencialmente femininas levam a uma exaustão e uma constante queixa de cansaço, sobretudo entre as mulheres com condições socioeconômicas baixas, por conta da necessidade de conjugar vida pessoal, família, trabalho e o “mito da felicidade”.

A intensiva função da maternidade no exercício do trabalho de cuidado tem provocado o adoecimento materno, decorrente da sobrecarga e da solidão em maternar, muito embora tenha estrita ligação com o lugar social que se pertença, como também com os dilemas e limites ao estabelecer as noções de cuidado nas sociedades neoliberais que se baseiam em discursos naturalistas, com ênfase em instintos e afetos legitimados (Carneiro, 2021).

Nesta perspectiva, a intervenção compartilhada no cuidado pode promover um apoio mútuo entre as famílias, ajudando a reduzir a sobrecarga

emocional e física, ao mesmo tempo em que proporciona trocas de experiências e fortalece a percepção do cuidado como prática coletiva, com o intuito de desconstruir os estigmas associados à maternidade e ao papel feminino na sociedade.

Entretanto, segundo Vieira e Guimarães (2020), o trabalho de cuidado comunitário no Brasil é realizado de maneira desigual, devido às diversas desigualdades sociais que marcam a própria sociedade. Muitas vezes considerado como "ajuda", Vieira e Guimarães definem este trabalho por meio de atividades que não são reconhecidas como "trabalho", e quem as exerce tampouco se identifica como cumprindo uma "obrigação". Os autores ainda designam "ajuda" como uma alternativa de cuidado entre aqueles que vivem em situação de pobreza extrema e estão sob escassa proteção das políticas sociais.

Por outro lado, esta dinâmica de trabalho de cuidado comunitário também foi problematizada por Patrícia Hill Collins (2019), ao estabelecer os “arranjos comunitários de cuidado” entre as mulheres negras, pois “umas poucas mulheres eram responsáveis por cuidar das crianças que ainda eram pequenas demais para o trabalho, e as mulheres, como grupo, sentiam-se responsáveis pelos filhos umas das outras” (Collins, 2019, p. 117). Nesse sentido, a configuração do cuidado é vista como forma mais clara e multifacetada, a depender das experiências de trabalho de cuidado e das necessidades de cada criança em específico. A maternidade é considerada ainda como uma instituição de transmissão de valores às crianças quanto ao seu lugar, podendo gerar opressão ou resistência (Collins, 2019).

Exercer múltiplos papéis remete a aprender várias habilidades, sendo as mulheres condicionadas a se tornarem enfermeiras, empregadas domésticas, professoras, secretárias e com grandes dificuldades em enxergar onde começa e termina o trabalho, geralmente em desacordo com os desejos, pois a tarefa de cuidar os excluem (Hirata, Guimarães, 2012).

Logo, o trabalho de cuidado é interpretado nos mais variados contextos, possuindo outros significados. Dessa forma, podemos relacioná-lo a

marcadores sociais da diferença, que incidem na lógica do ato de cuidar e, por ser um trabalho universalmente marginalizado e desvalorizado, possui vínculo com minorias étnicas e raciais (Hirata, 2022). Como consequência, a divisão sexual do trabalho produz uma desigualdade de gênero, sobrecarregando as mulheres, tendo “como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado” (Hirata, Kergoat, 2007, p. 599).

Portanto, entendemos que o trabalho reprodutivo do cuidado precisa ser investigado nos mais variados aspectos que regem a vida das mulheres, no entanto, o recorte deste trabalho foca no trabalho de cuidado comunitário desenvolvido por mulheres que atuam cuidando de crianças de diversas famílias.

Em seguida, iremos discorrer sobre as práticas e desafios cotidianos no cuidado que refletem a realidade e necessidades da comunidade.

Práticas e desafios cotidianos no cuidado comunitário da região oeste de Belo Horizonte

As práticas de cuidado agregam uma complexa rede de relações que vão além da simples supervisão, envolvendo também as responsabilidades com as crianças e suas famílias (Hirata, 2018; Soares, 2012). Assim, a sociedade, que deveria compartilhar essa responsabilidade com diversas instituições sociais, além da família, também tem papel importante nesse processo (Tronto, 2007).

A relação da cuidadora com os pais e as mães pode facilitar ou dificultar a dinâmica do trabalho de cuidado, pois esta é permeada por uma estrutura de poder e saber entre quem cuida e quem é cuidado (Batista; Bandeira, 2015). O peso das responsabilidades diárias de quem cuida, combinado com a pressão de atender às expectativas familiares e sociais, pode levar a um estado de exaustão emocional e física (Carneiro, 2021).

Para compreender melhor esta dinâmica do trabalho de cuidado, detalharemos, nos tópicos a seguir, o cotidiano do cuidado comunitário e a complexidade das relações construídas para o seu funcionamento na interação entre a "Casa da Tete" e a comunidade.

O trabalho de cuidado

A convivência com crianças de várias idades, famílias, hábitos e costumes distintos exige uma flexibilidade por parte de Tete, como também uma abertura por parte das famílias. Esta dinâmica facilita a cooperação e a troca de aprendizados, e coopera com as particularidades de cada família. Nesse processo de construção social, a experiência educativa promove um ambiente mais prazeroso para se trabalhar o processo de ensino-aprendizagem das crianças e da própria cuidadora. Como Tete explicita no relato abaixo:

Então, são crianças de várias idades, de famílias diferentes, de culturas diferentes, de educação diferente, e a gente tem que aprender a lidar com as crianças, com a educação delas, e elas também tem que aprender com a gente. Eu tenho que me adaptar às famílias, e as famílias precisam se adaptar a mim (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Sua fala sobre a convivência revela uma abordagem inclusiva e colaborativa em relação à educação e ao cuidado. A diversidade mencionada é mais que um desafio, é uma oportunidade para o aprendizado mútuo. A cuidadora destaca a essência do cuidado como uma prática enraizada no amor, na empatia e na colaboração entre as partes. Ao afirmar que “tem que saber lidar” com as particularidades de cada um, a cuidadora reconhece que é preciso uma flexibilidade mútua para que o trabalho venha a acontecer, considerando suas experiências, contextos e necessidades individuais. Importante mencionar que ela sugere um papel ativo na formação das crianças, mas destaca que o aprendizado não é unilateral, pois as crianças

trazem suas próprias vivências para enriquecer o processo educativo. O reconhecimento de que as cuidadoras precisam se adaptar às famílias e vice-versa sugere uma visão de parceria, em que o diálogo e a colaboração são fundamentais para o trabalho de cuidado acontecer.

Ao ser questionada sobre o que precisa para ser cuidadora, ela responde da seguinte forma:

O amor, você tem que ter muito amor. Porque se não tiver o amor, não adianta você ter o curso, tiver só a paciência, não adianta, tem que amar aquilo que você faz, porque eu te falo que é difícil e é mais difícil lidar com as famílias do que com as crianças. As famílias dão um pouco mais de trabalho do que as crianças (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Para a cuidadora, a presença do amor no trabalho de cuidado transcende a importância da formação técnica e da paciência para cuidar, evidenciando que as relações afetivas são essenciais para enfrentar os desafios diários (Hochschild, 2003). Além disso, Tete enfatiza a complexidade da relação com as famílias, reconhecendo que lidar com os familiares pode ser ainda mais desafiador do que cuidar das próprias crianças. Esta perspectiva revela não apenas a profundidade emocional envolvida no papel de cuidadora, como também a necessidade de competências para construir um ambiente de cuidado acolhedor e saber gerenciar as diversas situações que podem pôr em risco as emoções durante o trabalho de cuidado (Molinier, 2004; Soares, 2012).

Dessa maneira, sua fala essencializa a importância do amor como componente central no trabalho de cuidado, ao mesmo tempo em que reflete os desafios inerentes às relações familiares, que, para Tete, são enormes. Contudo, é importante salientar que o amor, na visão da cuidadora, se resume a um cuidado sacrificial, que, historicamente, tem sido delegado às mulheres.

Esta definição é problemática e reducionista, pois amor não é só cuidado, mas responsabilidade, compromisso e respeito na construção afetiva

relacional (hooks, 2024). Também é importante ressaltar que o trabalho emocional ficou designado para as mulheres nas relações familiares e, neste caso, a família de Tete continua no mesmo espaço em uma constituição mais ampliada no momento que recebe diariamente 25 crianças em sua casa para cuidar (Hochschild, 2003)

Conforme o relato de Tete, há algumas regras para cuidar das crianças durante a semana em sua casa. A rotina do cuidado com as crianças na casa ocorre a partir de uma programação de atividades anteriormente planejada por ela. No entanto, a pedagoga relata que tem percebido que muitas regras, normas e práticas de comportamento ensinadas às crianças durante a semana na casa tendem a ser esquecidas quando retornam à casa dela na segunda-feira. Fato observado na fala:

As segundas-feiras têm sido os dias mais difíceis, porque é o final de semana que eles passam em casa. Então, todas as regras que eu tenho aqui com eles parece que, no final de semana, o pai ou a mãe não usam as regras, né. Deixa a criança, vai. Coloca a criança na frente da tela, coloca a criança, acho que é pra criança tipo: “me deixa quieto aqui, deixa eu fazer meu serviço, fica na frente do celular (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Para Tete, um exemplo evidente é que as crianças ficam mais propensas a querer usar telas quando voltam. Em seu relato, o que se tornou mais evidente foi o uso excessivo das telas de celulares, algo que a pedagoga diz que afeta as crianças de forma geral quanto ao ensino-aprendizagem e à saúde mental. Segundo Tete, ocorre um processo de desaprendizagem nesta mudança de ambiente estabelecido na rotina das crianças de segunda a sexta-feira, em que ficam maior tempo na casa da Tete e, nos fins de semana, com os pais e as mães.

Quando foi abordada sobre as práticas e as atividades cotidianas desenvolvidas, citou que há plano A e plano B ou C. No entanto, não descreve como acontece o cotidiano detalhadamente, como aparece na fala a seguir:

Eu faço plano A, quando eles estão aqui, tenho que usar o plano B, plano C, tudo que eu planejo durante a semana, chega na hora, muda. Eu não consigo

fazer um planejamento porque criança A hoje chegou de mau humor, a criança B tá passando por algum problema dentro de casa, a criança C está precisando de mais atenção. Então, assim, a gente não consegue seguir uma programação (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

A fala da cuidadora indica as complexidades do trabalho de cuidado com as crianças e os desafios enfrentados no dia a dia. Isso reflete a necessidade de flexibilidade, mas também a natureza dinâmica e imprevisível do ambiente. Ressalta-se que esta realidade reflete que as relações humanas são influenciadas por contextos sociais e emocionais.

Em relação à rotina cotidiana, as crianças chegam às 5h da manhã, momento em que ela não exige muito, pois ainda estão despertando, ou se adaptando com o horário de chegada, além disso, muitas delas irão em seguida para a escola, cabendo a ela ainda realizar a higienização, trocar de roupa e alimentação. Na sua fala, deixou claro que, ao levar a criança e buscar na escola, a comunidade observa e pergunta se as crianças são filhos dela. As demais crianças que ficam na residência são cuidadas por três outras cuidadoras, sendo suas duas primas e sua irmã.

Nesse momento, há uma rotina para seguir, como brincadeiras, horário para lanches e almoço. Algumas crianças chegam a tomar banho no local. Nesse instante, ela aproveita para dar algumas orientações acerca do toque ao corpo, orientar que somente a criança pode se tocar ou a mãe e como higienizar. Podemos nos remeter nesta situação à dimensão sexual que o trabalho implica, pois, durante a higienização, banho e trocar de roupas, há o contato físico direto sobre o corpo de quem é cuidado, como pode haver também situações de toques no corpo de quem cuida, como já relatou os estudos de Soares (2012).

A relação da cuidadora com os pais e mães

Sobre a relação entre a cuidadora e as famílias das crianças, Tete salienta que segue uma diretriz ou norma que toda criança deve ser orientada

ao iniciar no espaço, questões de horários, alimentação, brincadeiras e, principalmente, quem será o responsável pela entrega da criança na saída.

Ela observa o comportamento da criança durante a estadia no local, pois já houve casos delicados, que exigiram muita destreza de sua parte para conduzir a situação. Em um desses casos, um casal estava passando por um momento de separação e, segundo a pedagoga, ela estava em um “fogo cruzado”, momento em que os pais interferiram no seu trabalho de cuidado por dar ordens diversas, chegando a certo ponto em ter que pedir um documento da mãe, que queria proibir o pai de ver a criança, o que ela não concedeu. Conforme detalhado abaixo:

Tem uma família, assim, que tá me dando um trabalho enorme... Um trabalho que exige energia, exige jogo de cintura, porque essa família, em especial, os pais estão se separando. Então, a mãe chega aqui e me fala assim: “o pai não pode ver a criança”. E o pai me manda a mensagem e me fala: “se você não me deixar ver a criança, eu irei chamar a polícia. Eu vou levar a polícia na porta da tua casa”. Me ameaçando. Então, eu falo tanto com o pai, quanto com a mãe: “eu não tenho nada a ver com o que está acontecendo entre vocês dois. O meu cuidado é com a criança”. Virei para a mãe e falei assim: “eu não consigo proibir o pai de ver a criança. Ele é o pai, enquanto você não me der um documento falando que ele não pode ver a criança, eu não vou proibir ele de ver a criança” (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Em outro caso, uma criança apanhou por comer queijo (caso que repercutiu nas mídias jornalísticas locais) e só foi descoberto após ela faltar na escola, e Tete, ao buscá-la na escola, teve o conhecimento da situação através da coordenadora pedagógica. Ao final do relato, Tete declarou que soube que a mãe era usuária de drogas e que agrediu bastante a criança, o que explicou as muitas vezes que ela inibia, ou estava agitada demais em sua casa. Em seguida, a mãe tirou a criança da “Casa de Tete”, com dívidas no pagamento mensal, e, também, perdeu a guarda do filho, passando para a avó.

Em outros casos, Tete chegou a declarar a importância da percepção e da vigilância que se deve ter para com a criança e o responsável ao pegar na

saída, pois se ela não conhecer ou não ter uma autorização prévia, ela não entrega a criança. Como presente na fala a seguir:

O horário que a criança ficava comigo era bem curto, a gente não tinha tanto esse vínculo, mas a gente sentia que tinha algo errado com a criança, algo errado com a família e tudo. Mas eu não posso chegar na família e falar: “nós não vamos olhar o seu filho, porque você mexe com drogas. Eu não posso fazer isso” (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Tete fala que toda a relação com a família era estabelecida através de WhatsApp em grupo, ou no privado. Sobre isso, notou que há falha de comunicação entre ela e os pais das crianças. Por exemplo, em dias de feriado em que ela não trabalha, o pai ou mãe envia a criança para a sua casa. Apesar dos conflitos, há uma construção de uma rede de solidariedade entre os pais das crianças e Tete, pois ela compreende o fato de muitos pais não terem condições de arcar com os custos dos cuidados oferecidos em sua casa. Segundo a fala a seguir:

Eu tento entender o lado da família. Tem família que eu vejo que não tem condição de pagar o valor que a gente cobra. E a família chega em mim e fala: “eu não tenho condições de te pagar isso”. Eu tenho mãe solo, então, tento entender o máximo o lado delas, mas eu não consigo colocar um valor muito abaixo. Um valor abaixo das escolas particulares. Então, tento estabelecer um valor que vai me ajudar e a família (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Dentro desta fala, podemos perceber atitudes que demonstram os aspectos vinculados ao cuidado comunitário, como a solidariedade na vizinhança, além de expressar a necessidade de valorizar o seu trabalho, mencionando que não pode ser um valor muito abaixo do que as escolas particulares.

Sobrecarga física e mental

Na relação de cuidado, Tete não apresenta uma reflexão crítica sobre o cuidado que é delegado a ela e, consequentemente, às mulheres. Ao procurar o contato somente com as mulheres, mães ou avós, deixa subentendido que estas exercem papéis centrais na rede de apoio, portanto, os pais são suprimidos desta responsabilidade, e isso pode colocar uma pressão adicional sobre as cuidadoras (Autora, 2020).

No contexto do cuidado comunitário, as cuidadoras desempenham um papel essencial e desafiador, como a garantia do bem-estar, de um ambiente seguro e acolhedor. No entanto, esta função pode demandar uma intensa carga física e mental, incluindo atividades como brincar, alimentar, educar e administrar até mesmo medicações, caso seja necessário. Nos relatos de Tete, podemos verificar as contradições na sua relação de trabalhar cuidando, uma vez que, ao mesmo tempo que sente amor, também vive momentos de estresses, como declarado abaixo:

Às vezes eu surto, não vou mentir; às vezes eu surto e falo: -“meu Deus do céu, o que esses meninos estão fazendo?” Ontem foi um dia de surto, porque parece que, quando antecipa o feriado, eles ficam daquele jeito. Acho que a mãe fala: “deixa ela doida lá que ela vai descansar no outro dia (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

A fala expressa uma mistura de frustração e desespero, que é comum entre cuidadores, especialmente em situações de alta demanda e estresse. Além do estresse vivenciado na relação do cuidado com as crianças, Tete também apresenta os limites de sua função, ou seja, a criança não é sua, tem pai e mãe e, quando demarca isso, também permeia certo poder e confiança de si em sua fala, sobre de quem cuida e de quem é cuidado.

Tete demonstra que há uma responsabilidade maior tanto da educação, quanto do cuidado para as famílias. Alguns momentos, na sua fala, podemos presenciar um julgamento moral sobre quando as famílias deixam para o outro a responsabilidade de cuidar de seus filhos. Na visão do cuidado comunitário, há uma construção de uma rede de solidariedade entre as mulheres, que cuidam independente de ser filho ou não (Collins, 2019), como no relato abaixo:

Noventa por cento dos pais tá passando a responsabilidade de educação pra mim. A responsabilidade da educação da criança tem que ser minha. Eu falo com os pais: - eu mandei bilhete avisando que hoje eu não ia trabalhar porque hoje é feriado. Teve pai batendo no portão hoje, pra deixar a criança aqui sendo que foi avisado. Eu não trabalho no feriado, e quando tem um feriado eu mando um comunicado avisando: - gente é feriado, nós não vamos trabalhar no feriado não (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

A fala da pedagoga indica questões importantes sobre a dinâmica entre cuidadoras e pais, destacando a transferência de responsabilidade na educação das crianças. Ela menciona que 90% dos pais estão delegando essa responsabilidade a ela, o que indica uma expectativa excessiva em relação ao papel de cuidadora, que deveria complementar a educação familiar, não a substituir. Além disso, a cuidadora enfatiza a importância de estabelecer limites claros para evitar o esgotamento emocional e físico, já que o amor pelo trabalho pode trazer exaustão, como na fala a seguir:

Tem dia que é difícil, tem dia que eu falo não, eu não quero mais, eu vou jogar isso pra lá e vou fazer outra coisa, mas aí, na hora que eu deito, agradeço a Deus e falo: “não, Deus, é isso mesmo, eu nasci pra isso”. Enfim, cada dia é uma luta diferente, uma coisa diferente, tem que aprender a lidar com tudo (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Nesta passagem, Tete reflete acerca da complexidade emocional e dos desafios diários que enfrenta em sua profissão, e expressa momentos de frustração e desânimo, quando chega a pensar em desistir e buscar outra ocupação, o que é um indicativo de que a carga emocional do trabalho pode ser intensa. No entanto, sua gratidão ao se deitar, reconhecendo que foi feita para essa função, demonstra uma forte conexão com sua vocação e um senso de propósito. Esta dualidade entre o desejo de abandonar a profissão e a aceitação do seu papel revela a luta interna que muitos cuidadores enfrentam, e cada dia traz novos obstáculos e aprendizados.

Autocuidado e saúde mental da cuidadora

Quando a cuidadora é abordada sobre o trabalho de cuidado, fala mais sobre quem ela cuida e pouco sobre ela como mulher. Enquanto mostra alguns conflitos com as famílias das crianças, ela também consegue apresentar a relação construída com as crianças, baseada em afeto e trocas de carinhos, que ela define como sendo amor. Partindo dessa perspectiva, não há, na sua fala, a importância sobre o valor de troca e o aspecto utilitarista e capitalista da sua relação de trabalho, de que supre as necessidades básicas, o que, nesse sentido, é o amor, e o amor não tem preço.

Um aspecto que chamou bastante atenção foi o fato de não querer ter filhos, uma vez que já desempenha a função de cuidado com as crianças. Esta escolha pode ser influenciada por esta percepção de papel de cuidadora em sua vida diária. Nesse caso, a questão de cuidar e sustentar emocionalmente outra pessoa pode tornar a ideia de ter filhos uma responsabilidade a mais, o que pode gerar sentimento de ambivalência, ou até mesmo arrependimento. Esta realidade revela a complexidade das emoções envolvidas na vida da cuidadora, que frequentemente precisa equilibrar seus próprios desejos com as necessidades dos outros.

Por outro lado, ao relatar sobre o autocuidado, Tete compartilha que pratica atividade física todos os dias, apesar de ser um fator negligenciado entre as mulheres cuidadoras, uma vez que o tempo escasso e a falta de energia dificultam encontrar momentos para se dedicar à saúde física e mental.

A Tete vai na academia todos os dias, todos os dias. Mesmo no horário aqui, quando tem criança, a gente tenta ir, não só eu, mas também as meninas. Tem dias que são 7h da manhã, eu tô na academia. Que as meninas, na academia... que as meninas chegaram, e eu consigo ir. Tem dias que vou na academia 1h da tarde. Tanto eu, quanto as meninas, né. A gente consegue. Tem que ir, porque senão surta (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

A fala aponta a importância da atividade física na rotina da cuidadora e de suas colegas. A dedicação em ir à academia todos os dias, mesmo com a presença das crianças, demonstra um compromisso com a saúde pessoal, que é crucial em uma profissão tão desgastante. Ao afirmar que "se não surta",

destaca a necessidade de encontrar um equilíbrio entre as responsabilidades profissionais e o autocuidado.

Outra prática de autocuidado é o gerenciamento do tempo para si e para o trabalho, quando estipula horários para responder às mensagens do WhatsApp e, nos finais de semana, ao receber mensagem das famílias das crianças, ela visualiza, mas não responde, ao menos que seja urgência. Segundo Tete, esta decisão sobre a interrupção do uso do celular é para não adoecer.

Eu, principalmente, eu estava num vício de telefone, eu tive que tirar todas as minhas notificações do telefone. É por isso que eu demoro a responder hoje, porque meu celular não vê, só se eu abrir o *WhatsApp*, se ver o *WhatsApp*, eu vejo o que a pessoa escreveu (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

A passagem indica a luta da cuidadora contra a dependência do celular, um desafio comum na era digital. Ao mencionar que estava "num vício de telefone", ela reconhece o impacto negativo que esta distração tinha em sua vida, apontando uma consciência sobre como a tecnologia pode afetar a produtividade e as relações interpessoais. A decisão de desativar as notificações é um passo proativo em direção ao autocontrole e à redução da ansiedade gerada pela constante interrupção das mensagens. Sua dificuldade em responder rapidamente é um reflexo desta mudança, mostrando que, embora tenha optado por esta estratégia para melhorar sua qualidade de vida, ainda está se ajustando à nova dinâmica. Presença enfática no decorrer de sua percepção a seguir:

A Tete não responde à mensagem no final de semana, se é problema com criança, eu não respondo a mensagens. Não consigo responder. Tem pai que fala comigo assim: "eu te mandei mensagem o fim de semana inteiro". Eu não respondo. E, depois do horário, eu também não respondo mensagem. Se a criança fica comigo até 5h, das 7h às 5h, meu cuidado com ela é das 7h às 5h (...). A Tete, final de semana, sai com os amigos, a Tete, no final de semana, existe. A cuidadora fica pra trás e vem a Tete (entrevista on-line, realizada com Tete em 01 de maio de 2025).

Portanto, a evidência nas falas reflete a clara delimitação entre a vida profissional e pessoal da cuidadora, fazendo com que haja uma compreensão

sobre a importância de respeitar o próprio tempo e espaço. Ao afirmar que não responde às mensagens fora do horário de trabalho, demonstra um compromisso em priorizar o cuidado que deve oferecer à criança durante suas horas de serviço, enfatizando que seu foco deve estar totalmente na criança sob sua responsabilidade. Além disso, ao mencionar que, nos finais de semana, se dedica a sair com amigos, aponta para a necessidade de ter uma vida social ativa, destacando que a identidade da cuidadora não se resume apenas ao trabalho.

Considerações finais

O trabalho de Tete reafirma o papel das mulheres como cuidadoras, naturalizando o cuidado como uma essência feminina. Contudo, chama a atenção o fato de que esta responsabilidade recai quase exclusivamente sobre mulheres, reforçando a ideia de que elas devem ser as principais responsáveis pelo cuidado, gerando pressões adicionais. Apropriando-nos da fala de Soares (2012), espera-se que este trabalho de cuidado seja, essencialmente, feminino e vinculado a um aspecto dócil e maternal das mulheres. No entanto, esta visão perpetua a divisão sexual do trabalho, limitando a igualdade nas responsabilidades de cuidado, englobando não apenas crianças, mas também as demandas do lar.

A fala da cuidadora carece de uma discussão política sobre o cuidado comunitário, uma vez que não se posiciona como uma líder comunitária, mas, sim, como alguém que romantiza o ato de cuidar, enfatizando os valores como Deus e o amor. Esta abordagem prioriza questões de maternagem em detrimento do trabalho comunitário abordado na literatura, além de deixar de lado a discussão sobre políticas públicas que poderiam apoiar esta prática.

O fato de diversas famílias buscarem Tete para atendimento sugere uma aproximação com a ideia de cuidado comunitário. Sua casa, localizada no bairro Betânia, exemplifica este conceito pela diversidade das famílias

atendidas e pela interação entre as crianças, promovendo cooperação e solidariedade.

Importante ressaltar que este trabalho é realizado no interior da casa da cuidadora, o que facilita o acesso a uma infraestrutura adequada e recursos necessários para as atividades de cuidado. Embora seja um trabalho remunerado, ele exige condições físicas e psicológicas adequadas para lidar com as diversas habilidades motoras e comportamentos das crianças atendidas. Assim, o trabalho de cuidado comunitário na casa de Tete envolve questões sociais mais amplas, como desigualdade estrutural e relações de gênero, assim como a necessidade urgente de políticas públicas que apoiem tanto as cuidadoras, quanto os cuidados institucionais oferecidos à comunidade.

Ademais, a sobrecarga imposta às cuidadoras é evidente quando se espera que elas participem de reuniões escolares para receber boletins, uma tarefa que deveria ser assumida pelas famílias. Tete adota uma visão crítica sobre as responsabilidades familiares no cuidado das crianças, enfatizando que a responsabilidade deve ser compartilhada pela família, especialmente pela mãe. Esta perspectiva reflete uma abordagem privativa do cuidado nas sociedades neoliberais.

Referências

BATISTA, Anália Sória e BANDEIRA, Lourdes M. Trabalho de cuidado: um conceito situacional e multidimensional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº18. Brasília, setembro - dezembro de 2015, p. 59-80.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: Desafios para a construção da equidade de gênero. *Estudos de Sociologia*, v. 24, p. 261-281, 2020.

CONCEIÇÃO, Lusiene Araújo da. BITENCOURT, Silvana Maria. Redes sociais: quais os discursos e quem representa as mães acadêmicas na academia brasileira? *Revista Geoaraguaia*, v. 14, p. 120-138, 2024.

BRUGERÈ, Fabienne. *A ética do cuidado*. São Paulo: Contracorrente, 2023.

CARNEIRO, Rosamaria. Cansaço e violência social: sobre o atual cotidiano materno. *Cadernos Pagu* (63), 2021. <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vt9MnYcTkfTwZbyFMGqrQdQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 set. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho Guareschi. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. VIEIRA, Priscila Pereira Faria. Trabalho, gênero e cuidado. As “ajudas”: O cuidado que não diz seu nome. *Estudos Avançados*, 2020.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

HIRATA, Helena. Subjetividad y Sexualidad en el trabajo de cuidado. In: BORGEAUD GARCIA, NATACHA. (Org) (2018), *El trabajo de cuidado*, Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, colección “Horizontes del Cuidado”, p.103-116.

_____. *O cuidado: teorias e práticas*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Boitempo, 2022.

HIRATA, Helena. GUIMARÃES, Nadya Araújo (Org.). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em? 21 set. 2023.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Emotion work, feeling rules, and social structure. *The American journal of sociology*, 2003.

hooks, bell. *Comunhão a busca das mulheres pelo amor*. São Paulo: Elefante, 2024.

MINAYO, Maria Cecília. 2009. *Pesquisa Social, teoria, método e criatividade*. Capítulo 3: Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed. Vozes.

MOLINIER, Pascale. O ódio e o amor, caixa preta do feminismo? Uma crítica da ética do devotamento. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v.10, n.16, p.227-2442, dez.2004. Acesso em 15 mai. 2023.

_____. A dimensão do cuidar no trabalho hospitalar: abordagem psicodinâmica do trabalho de enfermagem e dos serviços de manutenção. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, 2008, p. 06-16.

MORÉ. Carmen Leontina Ojeda Ocampo. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Atas*, 2015.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências. *Cadernos Pagu* 2001, p.137-150. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 set. 2024.

SOARES, Angelo. As emoções do *care* In: Hirata, H.; Guimarães, N. A. (org.) *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012, p. 44-59.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.

Recebido em agosto de 2025.
Aprovado em dezembro de 2025.